



PASSAGEM E FIXIDEZ: UM CAIS, VÁRIOS DISCURSOS

Paula Gonçalves da Silva

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco (PROPAD/UFPE), Docente da Universidade de Pernambuco Campus Caruaru

E-mail: paulaemcena@gmail.com

RESUMO:

A reconfiguração dos espaços urbanos muitas vezes acontece a partir de disputas que envolvem o debate sobre o direito a cidade, mobilidade urbana e uso do espaço público e expõem a emergência de diversos discursos com a possibilidade de mudança de um espaço de passagem para fixidez. O Cais José Estelita, situado na cidade do Recife, Pernambuco, é o palco de uma disputa entre um consórcio de empresas privadas do setor imobiliário que elaborou um plano de intervenção denominado de “*Projeto Novo Recife*” e a sociedade civil, sobretudo, o Movimento #OcupeEstelita. Mesmo com os antigos armazéns de açúcar em desuso e as obras do Projeto Novo Recife suspensas, o Cais José Estelita permanece vivo no cotidiano do recifense suscitando o interesse de pesquisa sobre quais os discursos presentes no Cais José Estelita e os seus significados. A pesquisa foi realizada através de um estudo semiótico do espaço com a análise de fotografias tiradas pela pesquisadora.

Palavras-chaves: Discurso, Espaço Público, Mobilidade

INTRODUÇÃO

A reconfiguração dos espaços urbanos muitas vezes acontece a partir de disputas que envolvem o debate sobre o direito a cidade, mobilidade urbana e uso do espaço público e expõem a emergência de diversos discursos com a possibilidade de mudança de um espaço de passagem para fixidez. O Cais José Estelita, situado na cidade do Recife, Pernambuco, local selecionado para a realização da análise semiótica do espaço proposta neste artigo, é o palco de uma disputa que expõem diversos interesses como pode ser visto nos parágrafos subsequentes.

A área conhecida como Cais José Estelita, centro do Recife, foi construída a partir de aterro de modo a ligar dois monumentos históricos: o Forte das Cinco Pontas (ainda existente) e Forte Príncipe Guilherme (já destruído). A necessidade de armazenagem em uma área central da cidade de mercadorias, como o álcool e o açúcar, e escoamento da produção até o Porto do Recife justificou a construção de armazéns no início do século XX (que funcionaram até 1996). Posteriormente, em busca de diminuir as distâncias e interligar as novas áreas



residenciais ao centro foi construído o viaduto Cinco Pontas, atendendo principalmente o transporte de automóveis.

Com a grande área em desuso e a paisagem privilegiada, a administração pública, capitaneada pela Prefeitura do Recife em parceria com a Prefeitura de Olinda e Governo do Estado de Pernambuco, propôs em 2003 a construção de uma das etapas do complexo turístico cultural Recife – Olinda que previa para a área do Cais José Estelita construção de habitação popular, comércio, serviços, escritórios, passeios públicos e equipamentos de turismo e lazer (SERAFFIM, 2012).

Apesar das negociações, iniciadas em 2003, envolverem os poderes Federal, Estadual, os Municípios de Olinda e Recife e a iniciativa privada, o governo federal optou por realizar um leilão no final de 2008 e a área foi adquirida por um complexo de empresas privadas do setor imobiliário formado pelas construtoras Moura Dubeux, Queiroz Galvão, GI Empreendimento e Ara Empreendimentos. De posse desta área, o consórcio imobiliário elaborou um plano de intervenção denominado de “*Projeto Novo Recife*”.

O interesse do consórcio imobiliário por uma área degradada e pouco valorizada do centro do Recife justifica-se a partir da expansão econômica do Porto de Suape (localizado a apenas 40 quilômetros do Recife no litoral sul) e do Porto Digital (situado no Bairro do Recife, centro antigo da cidade, um dos representantes da nova economia do Estado de Pernambuco) e que, em conjunto com outros empreendimentos, formam um bolsão de desenvolvimento tornando a área um ponto estratégico para a classe média alta em busca de melhor qualidade de vida e um potencial de grandes negócios para um grupo seleto de empreendedores (NASCIMENTO, 2015).

A partir de 2012, com a divulgação da intenção do início das obras, vários atores e coletivos se agregaram dando vida a um movimento de resistência sintonizado no debate sobre a ocupação do espaço urbano: o Movimento #OcupeEstelita¹, o qual assumiu um papel de destaque como protagonista no debate sobre a ocupação do espaço urbano tendo alcançado uma visibilidade que chega a influenciar lutas em outros estados brasileiros. Uma das estratégias de resistência do Movimento Ocupe Estelita foi a ocupação do Cais José Estelita

¹ Para mais informações sobre o Movimento Ocupe Estelita vide:

https://www.facebook.com/MovimentoOcupeEstelita/info/?tab=page_info e

https://direitosurbanos.wordpress.com/ocupeestelita-0/ocupeestelita-3_12m/



em 2014² que agregou a participação de músicos como Karina Buhr, Otto, Lirinha e Criolo para fazerem shows e diversos outros artistas e ativistas que realizaram oficinas, grafites, exposições de filmes e debates.

Atualmente, há processos em diversos órgãos com questionamentos que vão desde a legalidade do leilão realizado, os licenciamentos necessários para as obras e o tombamento da linha férrea que passa por trás dos antigos armazéns. Assim, com as obras do Projeto Novo Recife em suspenso o local continua sendo utilizado como um elo de ligação entre o centro do Recife e a zona sul, principalmente para quem se desloca de automóvel, apresentando tanto sinais padronizados dentro de um sistema de mobilidade mais universais quanto sinais transgressivos como os grafites³ que violam as leis e questionam as relações de poder existentes.

A co-existência de sinais tão diversos em um mesmo espaço nos despertou o interesse de identificar quais os discursos presentes no Cais José Estelita e os seus significados? Tendo em vista que discursos em lugares particulares são limitados pelo ambiente construído bem como a ordem de interação que governa as pessoas que usam os espaços urbanos, buscamos identificar também os pontos de congruência e incongruência nos discursos identificados através de um estudo semiótico do espaço (Scollon e Scollon, 2003) com a análise de fotografias tiradas pela pesquisadora.

Para uma melhor compreensão do artigo dividimos em quatro seções. Após esta introdução, explicitamos os procedimentos metodológicos da pesquisa levada a efeito. Em seguida, analisamos os dados a luz da discussão teórica sobre o espaço. Na quarta seção e última parte apresentamos ao leitor as considerações finais a que o estudo permitiu chegar.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Discursos em lugares podem ser vistos a partir de dois pontos de vista: um centrífuga que se concentra nos discursos que fluem para dentro, através e para fora de qualquer lugar e um centrípeta que analisa um lugar em particular como um agregado de discursos ou um agregado semiótico (SCOLLON e SCOLLON, 2003). Como o presente artigo foca nos

² Para impedir a derrubada dos antigos armazéns de açúcar pelo consórcio Novo Recife, os militantes do Movimento Ocupe Estelita ocuparam a área interna do Cais José Estelita e permaneceram acampados por cerca de um mês até a reintegração de posse e depois permaneceram na área externa, embaixo de um viaduto, por mais um período.

³ Não fazemos distinção entre grafite e pichação neste artigo, as palavras são usadas como sinônimos.



discursos presentes no Cais José Estelita realizamos uma semiótica agregada que é o resultado da convergência, intencional ou não, de múltiplos discursos em um determinado lugar.

A semiologia apresenta ao pesquisador um conjunto de instrumentais conceituais para uma abordagem sistemática dos sistemas de signos com a finalidade de descobrir como eles produzem sentido (PENN, 2015). Ela tem por objeto qualquer sistema de signos, a exemplo de imagens, objetos, comportamentos e sons (SILVA, 2009). Para Barthes (1996), a semiologia amplia sua contribuição quando vista como a parte da linguística que engloba as grandes unidades de significação de um discurso.

A partir da análise estrutural do signo de Saussure, Barthes desenvolveu os sistemas semiológicos de segunda ordem com a associação de significante e significado. Barthes fez uma distinção dos tipos de conhecimentos exigidos para capturar a significação em cada nível: no primeiro nível, chamado de denotação, precisa-se apenas de conhecimentos lingüísticos e antropológicos e no segundo nível, conotação, é preciso acessar outros conhecimentos culturais (PENN, 2015). Sendo o significante a materialidade do processo ou a própria matéria, como por exemplo, a imagem ou o objeto, e o significado a representação psíquica da matéria, ou seja do significado (SILVA, 2009), cabe a análise semiológica “tornar explícitos os conhecimentos culturais necessários para que o leitor compreenda a imagem” (PENN, 2015, p. 325).

De acordo com Scollon e Scollon (2003), para a realização de uma análise semiótica agregada do espaço é preciso documentar os múltiplos discursos presentes no local através de uma foto-montagem que ilustra, pelo menos, as categorias mais gerais dos discursos encontrados certificando-se de identificar discursos que são representados não apenas por palavras e imagens, mas também pelo ambiente construído e pelas interações sociais (a ordem de interação) encontrados naquele local. No presente estudo, usamos imagens fotográficas realizadas em julho de 2016, num domingo, dia em que uma parte da via é transformada em ciclofaixa e em conjunto com outras ruas criam um circuito de lazer para bicicletas na cidade.

ANÁLISE DOS DADOS

Os espaços públicos são projetados para diferentes usos e pode ser identificado um contínuo de possibilidades de interações sociais, ou seja, espera-se menos interação entre as pessoas que circulam em uma grande avenida do que aquelas que freqüentam uma praça.



Assim, o espaço físico não constitui somente o cenário físico de interações e sim um condicionante físico, signo e idioma de interações que localizam, de diferentes modos, os indivíduos (FREHSE, 2008). As interações que correm no espaço podem seguir ou não a lógica para o qual eles foram projetados tornando o espaço um cenário de complexas interações e discursos que ora regulam ou transgridem o seu uso.

Tendo em vista que a maioria dos lugares é muito mais complexa do que as suas configurações pensadas inicialmente e trazem uma enorme gama de discursos que formam o que nós chamamos de um agregado semiótico buscamos, inicialmente, como pode ser visto na análise das fotos a seguir, identificar as quatro categorias gerais de discursos propostas por Scollon e Scollon (2003): discursos reguladores: municipal (ex: tráfego de veículos automotores, bicicletas e pedestres); discursos de infra-estrutura: municipal (ex: iluminação, mobiliário urbano e edificações), discursos comerciais (ex: propagandas e estabelecimentos comerciais) e discursos transgressivos (ex: grafites e instalações de arte urbana) de modo a analisar a complexidade do local.

A partir da análise em nível denotativo descrevemos a Figura 01 com ênfase nos discursos identificados. Trata-se de uma via para trânsito de automóveis com faixas para os dois sentidos divididos por um canteiro central com uma vegetação rasteira e pequenas árvores. O discurso regulatório aparece em forma de obstáculos físicos como cones e gelos baianos e também pinturas na pista. No lado esquerdo da via, vemos uma grande calçada com iluminação pública e bancos para descanso dos pedestres (discurso de infraestrutura) e ao fundo a Bacia do Pina intercalando áreas construídas e áreas verdes. No lado direito da foto, percebemos os discursos comerciais de duas formas: ao alto um *outdoor* com uma propaganda aparentemente de bebida alcoólica (imagem cortada) e embaixo grandes armazéns com parte da estrutura degradada.



REGIMES URBANOS E GOVERNANÇA METROPOLITANA

(Encontro Nacional da Rede Observatório das Metrópoles).

Natal/RN, 29 a 31 de março de 2017

Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Discurso de infraestrutura:
iluminação pública,
calçadas e bancos
para descanso.

Discurso comercial

Discurso regulatório:
Tráfego de automóveis

Figura 01 – Cais José Estelita

Na Figura 02, próxima página, percebemos a presença de outros dois discursos: o discurso regulatório voltado para o tráfego de bicicletas e o discurso transgressivo demarcado pelos grafites nas paredes dos armazéns. Chama a atenção também que o Viaduto Cinco Pontas encobre os armazéns que estão do lado esquerdo da foto em uma relação de conexão ao mesmo como ponte e porta. A metáfora da ponte foi usada por Simmel (1997) para identificar a conexão entre pontos, neste sentido identificamos o Viaduto Cinco Pontas como uma ponte que conecta a zona sul ao centro da cidade. Já a metáfora da porta demarca uma ligação que separa o dentro e o fora, o visível do proibido (Simmel, 1997), o Viaduto encobre os armazéns tornando o acesso restrito.



REGIMES URBANOS E GOVERNANÇA METROPOLITANA

(Encontro Nacional da Rede Observatório das Metrópoles).

Natal/RN, 29 a 31 de março de 2017

Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Figura 02: Viaduto Cinco Pontas

A Figura 02 aponta também para o uso misto das vias e a possibilidade de interação social entre motoristas, ciclistas e pedestres. Goffman (1963, 1971) observou que em relação ao tráfego a pé, o tráfego de automóvel é mais instrumental, linear, competitivo e formalmente regulamentado, as colisões são mais graves, as unidades em movimento menos manobráveis e a comunicação entre os condutores é mais difícil. Para Conley (2012) essas diferenças dependem do grau em que a velocidade e as estruturas materiais limitam as possibilidades de interação social no tráfego de automóvel, de modo que quanto mais lento o tráfego e mais aberto o automóvel maior a possibilidade de interação. Neste sentido, as bicicletas são colocadas em uma posição intermediária entre os pedestres e os automóveis, visto que, em geral, são mais lentas e mais flexíveis que os automóveis e mais rápidas que os pedestres.

O tráfego de bicicletas aos domingos é separado dos carros pelos cones que podem ser vistos na Figura 01 e 02, dando a entender que para que exista um uso misto da via é necessário delimitar o espaço para a bicicleta. Amplia-se a possibilidade de interação social entre os ciclistas segregando-os para um local delimitado. Percebemos também que há espaço



para descanso e caminhadas, no entanto, não aparecem pedestres nas imagens o que nos direcionou para a análise da Figura 03.



Figura 03: Calçadão

A Figura 03 representa o discurso de infraestrutura urbana voltada para o pedestre apreciar a paisagem. Iluminação pública, bancos, vaso e o grande calçadão com pequenas entradas para a Bacia do Pina tornam o local aprazível para a realização de caminhadas e descansos. Ao aproximarmos o olhar em direção aos equipamentos, percebemos plantas secas, piso quebrado e bancos enferrujados. Sinais aparentes de abandono. Não há pedestres. Temos então um paradoxo entre o discurso de infraestrutura voltado para a interação social entre pedestres e seu aparente abandono.

Levantamos a possibilidade de que o abandono se deve a não utilização pela população, uma vez que temos um local de fixidez (mesmo que temporária) em um espaço de fluidez. Outra possibilidade explicativa é que os equipamentos urbanos foram colocados para que todo o Cais José Estelita fosse embelezado fazendo com que a via de passagem se tornasse uma espécie de cartão postal para ser apreciado de longe em que o calçadão compunha a imagem com os antigos armazéns do porto pintados de forma colorida ao fundo (paisagem vista de quem vem da zona sul para o centro da cidade).

Voltando a atenção para a via em si, percebemos outros elementos do discurso regulatório (Figuras 04 e 05), desta vez representados pela sinalização de trânsito e controle



de velocidade. As placas indicam o limite de velocidade da via, usam formato e códigos usuais para comunicar a velocidade máxima para uma via urbana de 60 km/h por hora de segunda à sábado e 40 km/h aos domingos e feriados das 07h às 16h. A diferença de velocidade entre os dias da semana deve-se ao fato de que nos domingos e feriados a via é “compartilhada” com o tráfego de bicicleta voltada para o lazer e o turismo. Os ciclistas que pedalam na área em dias de semana ou outros horários nos domingos e feriados usam o mesmo espaço dos carros que seguem em uma velocidade maior. A câmera indica um instrumento de vigilância e controle urbano que garante a emissão de multas para o motorista infrator. Trata-se de um signo de controle.



Figuras 04 e 05: Sinalização e controle de velocidade

A questão da vigilância e controle também pode ser vistas nas Figuras 06 e 07, próxima página, com o arame farpado que separa o ambiente da via de fluxo e as edificações. Na Figura 06 percebemos que o discurso de regulação não parte do órgão municipal. O portão separa o espaço público da área privada pertencente ao consórcio Novo Recife. A cerca dificulta o acesso e a placa com os dizeres “Locação de Cães de Guarda” e “Cuidado: Cão Bravo” simboliza o perigo para pessoas não autorizadas que se aproxime da área. Trata-se de um aparato de proteção para o que está dentro e não para as pessoas que circulam de carro ou bicicleta. No portão (Figura 06), aparece ainda o discurso transgressor com pichações, no entanto, não conseguimos identificar os significados pois aparentam ser assinaturas.



REGIMES URBANOS E GOVERNANÇA METROPOLITANA

(Encontro Nacional da Rede Observatório das Metrôpoles).

Natal/RN, 29 a 31 de março de 2017

Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Figura 06: O portão

Na Figura 07, por trás do muro cercado, trás um grande tanque de metal redondo enferrujado escrito RFFSA SR1 e logo abaixo ELAÇO (a letra M da palavra melaço foi cortada da foto). Na parte debaixo do tanque há algumas pichações que demonstram ser identificações (assinaturas de quem fez) e um grande peixe azul com detalhes roxos (na imagem cortada aparenta que o peixe está metade submerso ou nadando). A presença do grafite no tanque, Figura 07, significa que a área já fora ocupada anteriormente justificando o atual sistema de segurança.





Figura 07: Tanque de Melaço

Como já dito anteriormente no artigo parte da área dos armazéns foi ocupada pelo Movimento Ocupe Estelita no ano de 2014 para impedir a derrubada dos mesmos. Podemos especular também que, pelo déficit habitacional existente na cidade do Recife, se o terreno e suas edificações não estivessem cercados poderiam ter sido invadidas por moradores de rua ou movimentos sociais ligados às questões habitacionais. Na Praça Abelardo Rijo, local próximo aos armazéns protegidos há pessoas morando embaixo das estruturas das pontes.

Ainda na Figura 07, vemos a sigla RFFSA que se refere à extinta Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima, uma sociedade de economia mista integrante da Administração Indireta do Governo Federal, e faz lembrar que aquela grande área protegida pelo particular já foi outrora do poder público. Este fato nos conduz a reflexão que a luta do Movimento Ocupe Estelita não esteja ligado apenas às edificações em si e sim o próprio sentido de espaço público.

O discurso transgressor formado pelos grafites está presente em todos os armazéns e muros do Cais José Estelita. Alguns com mensagens claras e diretas e/ou ilustrados por desenhos e outros sem significação clara para esta pesquisadora. A Figura 08 representa um desses discursos transgressores presentes no muro que selecionamos arbitrariamente para a análise por apresentar um painel com colagens de vários momentos de resistência e a pichação por cima.



Figura 08: Painel

Podemos perceber que há uma sobreposição mensagens, transgressões por cima de transgressões, não sabemos ao certo as datas das interferências nem se foram realizadas ao



mesmo tempo. Na parte de trás, do lado esquerdo superior há uma pichação em amarelo e preto que não conseguimos identificar o que significa ficando, portanto, fora da análise. As fotos, que podem ser vistas principalmente do lado direito superior, impressas em papel e coladas no muro já estão desgastadas pelo sol, chuva e vento e, por isso, pouco nítidas, mas é possível identificar pessoas e imagens de trechos de vídeos realizados pelo Movimento Ocupe Estelita obtidas, sobretudo, no período da ocupação dos armazéns em 2014. Simboliza a memória do próprio movimento de resistência.

Ocupando a extensão do painel na parte inferior há uma pichação principal formada por duas mulheres com caldas de peixe, o nome Estelita e a frase Respeite o Mar, Respeite o Rio !!! que não sabemos se foram pintadas no mesmo momento ou posteriormente as fotos citadas anteriormente. As mulheres são negras, vestem vestidos nas cores amarelo e azul e possuem caldas de peixes tal como sereias. A calda em amarelo e laranja remete a ideia de movimento dentro da água como se estivessem nadando no ar. No centro da Figura 08, o nome Estelita é gravado de forma colorida com uma seta também colorida indicando o nome. Do lado esquerdo do nome há uma assinatura “Gabi Bliss” dentro de uma estrela verde que não sabemos se é a assinatura do grafite como um todo ou mais um elemento colocado a posteriori.

Além da força da presença feminina, avançamos na interpretação das cores escolhidas: nos vestidos estão presentes o azul que remete a Iemanjá, a rainha do mar, e o amarelo a Oxum, orixá das águas doces rios, lagos e cachoeiras. Os orixás são deuses de religiões da cultura afro que correspondem a pontos de força da natureza e os seus arquétipos estão relacionados às manifestações dessas forças. Os signos religiosos são completados pela frase Respeite o Mar, Respeite o Rio !!! As cores escolhidas para grafia do nome Estelita e da seta que o enfatiza remetem ao arco-íris signo da luta LGBTT. Uma mesma imagem que invoca e traduz várias pautas, tais como gênero, raça, liberdade religiosa, direitos LGBTTs, meio ambiente e diversidade, e insere o Recife na tendência de centros urbanos de várias cidades do sul global como um ambiente de exclusões sociais (KOONINGS e KRUIJT, 2009) em que temas centrais como esses são constantes objetos de luta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ao longo do artigo mostramos como diversos discursos estão presentes no Cais José Estelita. Se imaginarmos um contínuo podemos dizer que os discursos presentes vão dos signos regulatórios que usam códigos universais que demandam apenas conhecimentos básicos de sinalização de trânsito para a leitura das placas até signos religiosos no grafite que introduzem temas sociais como gênero, raça, meio ambiente e diversidade e que exigem uma bagagem cultural mais ampla do leitor para a compreensão. Diante da diversidade de discursos encontrados buscamos identificar também os pontos de congruência e incongruência nos discursos identificados, sobre os quais comentaremos aqui.

Tendo em vista que discursos em lugares particulares são limitados pelo ambiente construído bem como a ordem de interação que governa as pessoas que usam os espaços urbanos, o Cais José Estelita apresenta discursos incongruentes no que se refere ao incentivo a interação social entre as pessoas e o compartilhamento de diferentes modais na via. Os espaços direcionados aos pedestres não são utilizados e a presença de ciclistas é incentivada a partir da segregação do espaço (cones de proteção da ciclofaixa de lazer e turismo) e controle dos motoristas (placas de controle de velocidade e câmeras de fiscalização).

Hoje o Cais José Estelita não é um lugar para a interação social entre pedestres e nem de fixidez mesmo que temporária das pessoas. De um lado está um calçadão não utilizado e de outro edificações abandonadas. Os armazéns que outrora guardavam mercadorias, sobretudo as ligadas à indústria do açúcar, que eram escoadas pela linha férrea até o porto do Recife e demandavam a presença de trabalhadores no local, hoje estão protegidos da população com signos de controle tais como arames farpados e placas indicando a presença de cães bravos. A “proteção” contra as pessoas que podem ali se instalar para moradia (invasão) ou contra as que reclamam o uso do espaço como um bem público.

Assim, podemos dizer que hoje o espaço não se configura nem como um espaço de fluxo no sentido definido por Castell (2004), que liga eletronicamente localizações conectando atividades e pessoas em contextos distintos, nem um espaço de lugar que organiza experiência e atividades em torno dos limites da localidade (Castell, 20004). Trata-se de uma via de passagem.

Vale salientar que o espaço que outrora foi do poder público e hoje pertence a iniciativa privada nunca foi um local de uso público, uma vez que antes atendia a fins econômicos de escoamento e armazenamento da produção do açúcar e, atualmente, está



fechado aguardando as decisões jurídicas e as condições políticas e econômicas para implementação ou não do projeto Novo Recife.

Levando em consideração que o Projeto Novo Recife é direcionado para uma pequena parcela da população e com um potencial de criar uma “ilha de segurança” privada em pleno centro da cidade e que a análise dos discursos presentes no Cais José Estelita nos levaram a concluir que atualmente o mesmo não é um local para as pessoas permanece a dúvida para futuros debates entre urbanistas e a sociedade sobre as condições de possibilidade de que o Cais José Estelita deixe de ser apenas um local de passagem e passe a ser utilizado pela população seja como local público ou intermediário (locais privados que oferecem serviços ao público).

REFERÊNCIAS:

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. 11. Ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

CASTELLS, Manuel. Space of flows, space of places: Materials for a Theory of Urbanism in the Information Age. In: GRAHAM, Stephen (Ed.). **The Cybercities Reader**. London: Routledge, 2004. p. 82-93.

CONLEY, Jim. A Sociology of Traffic: Driving, Cycling, Walking. **Technologies of Mobility in the Americas**. 2012. p. 219-236.

FREHSE, Fraya. Erving Goffman, Sociólogo do Espaço. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - V. 23, N. 68, p. 155-200, 2008.

GOFFMAN, E. (1963). **Behavior in public places**: Notes on the social organization of gatherings. New York: Free Press, 1963.

GOFFMAN, E. **Relations in public**: Microstudies of the public order. New York: Harper and Row, 1971.

KOONINGS, Kees e KRUIJT, Dirk. **Megacities**: the politics of urban exclusion and violence in the global South. London: Zed Books, 2009.

NASCIMENTO, Alexandre Sabino do. Recife, a noiva da revolução: entre os circuitos espaciais da inclusão/exclusão e a resistência urbana contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos Regionais**. V.17, N.3, p.68-85, RECIFE, SET./DEZ. 2015.



PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: In: BAUER, Martin W e GESKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SCOLLON, Ron e SCOLLON, Suzie Wong. **Discourses in places: language in the material Word**. London and New York: Routledge, 2003.

SERAFIM, Ana Regine Marinho Dantas Barboza da Rocha. Produto e condição de reprodução das intervenções urbanas: análise dos projetos de requalificação. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2012. **Tese de doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana.

SILVA, Daniella Ramos da. A mitologia na representação cultural e consumo: efeito e recepção do signo cachaça. Recife: a autora, 2009. **Dissertação de mestrado**. Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco (PROPAD/UFPE).

SIMMEL, Georg. Bridge and Door. In: LEACH, Neil. **Rethinking architecture: a reader in cultural theory**. London: Routledge, 1997. p. 66-69.